



A performance literária do contador de causos brasileiros Rolando Boldrin

Ana Paula Pereira¹  Sueli Bortolin² 
João Arlindo dos Santos Neto³ 

Introdução: A *performance* literária propicia a preservação da memória por meio das narrativas orais populares, sendo, portanto, uma forma de resistência a favor das gentes do Brasil e de nossa cultura. Quando é desenvolvida utilizando os causos, torna-se fascinante. Apesar de ser uma narrativa oral que nem sempre é valorizada, carrega a identidade, os traços e jeitos de personagens tipicamente brasileiros. **Objetivo:** O objetivo deste estudo consiste em analisar a *performance* literária do contador de causos Rolando Boldrin, no programa de TV, Sr. Brasil. **Metodologia:** Quanto aos procedimentos metodológicos, utiliza-se a pesquisa bibliográfica, documental e oral, descritiva e qualitativa. **Resultados:** Entre os resultados alcançados, ressalta-se que os causos narrados por Boldrin, apresentam histórias e memórias de personagens da cultura popular. **Conclusão:** Conclui-se que o leitor-narrador de causos precisa desenvolver habilidades, dentre elas não perder o “fio da meada” no momento da narrativa, utilizar recursos de voz, corpo, espaço e presença para chamar a atenção e despertar o imaginário, o interesse e a memória afetiva dos leitores-ouvintes de modo envolvente e surpreendente.

PALAVRAS-CHAVE

Mediação oral da literatura. *Performance* literária. Narração de causos. Rolando Boldrin. Cultura popular brasileira.

The literary performance of the Brazilian storyteller Rolando Boldrin

ABSTRACT

Introduction: Literary performance promotes memory preservation through popular oral narratives, being, therefore, a form of resistance for Brazilian people and our culture. When it is developed using the stories, it becomes fascinating. Despite being an oral narrative that is not always valued, it carries the identity, traits and ways of typically Brazilian characters. **Objective:** The aim of this study was to analyze the literary performance of storyteller Rolando Boldrin, in the TV show Sr. Brasil. **Methodology:** As for methodological procedures, bibliographic, documentary and oral, descriptive and qualitative research was used. **Results:** Among the results achieved, we highlight that the stories narrated in Boldrin's narrated retrieves stories and memories of characters from popular culture. **Conclusions:** We conclude that the reader-narrator of stories needs to develop skills, among them not to lose the “thread of the skein” at the moment of the narrative, to use voice, body, space and presence, resources to draw attention and

Correspondência do autor

¹Universidade Estadual de Londrina
Londrina, PR – Brasil
e-mail: appuel@yahoo.com.br

²Universidade Estadual de Londrina
Londrina, PR – Brasil
e-mail: bortolin@uel.br

³Universidade Federal do Pará
Belém, PA – Brasil
e-mail: santosneto@ufpa.br

awaken the imaginary, the interest and the affective memory of reader-listeners in an engaging and surprising way.

KEYWORDS

Oral mediation of literature. Literary performance. Storytelling. Rolando Boldrin. Brazilian popular culture.

CRediT

- **Reconhecimentos:** Não é aplicável.
- **Financiamento:** Não é aplicável.
- **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
- **Aprovação ética:** Não é aplicável.
- **Disponibilidade de dados e material:** Não é aplicável.
- **Contribuições dos autores:**
Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão & edição: PEREIRA, A. P.; Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Escrita – revisão & edição: BORTOLIN, S; SANTOS NETO, J. A. dos.



JITA: CF. Reading and story telling.

| 2



Artigo submetido ao sistema de similaridade

Submetido em: 17/10/2022 – Aceito em: 26/10/2022 – Publicado em: 02/11/2022

Editor: Gildeir Carolino Santos

1 INTRODUÇÃO

Como é bom ouvir um causo: engraçado, surpreendente, misterioso ou até mesmo triste... Mas nem sempre a sociedade contemporânea reconhece e atribui o devido valor a esta narrativa oral da cultura popular que muitas vezes não encontra espaços para sua apropriação. É prazeroso conhecer os tipos e jeitos brasileiros, assim como é “mágico” ouvir e experimentar um causo bem contado. Sem momentos para nos deliciarmos com tais narrativas, seja após uma refeição ou mesmo em um funeral, ganhamos esta oportunidade no sofá da sala ou na plateia do programa de TV Sr. Brasil que em 2020 completou 15 anos de existência. Um presente para o Brasil e para os brasileiros.

Acompanhar o programa é sim um presente, mas também um privilégio de conhecer um projeto que valoriza e enaltece o que é nosso em todos os sentidos. Criado no Brasil, do Brasil para o Brasil conhecer a si mesmo: sua arte, artesãos, cultura, cantores, poetas, causos, entre outros que o programa busca valorizar e preservar ao longo dos anos concatenado com os ideais de seu diretor e apresentador Rolando Boldrin. Com seu jeito próprio e único de cantar, encantar e dar vida à personagens de um país de mil e uma faces, vem conquistando diferentes gerações que o acompanham para conhecer compositores, músicas e é claro, ouvir seus causos que pode se dar de modo presencial integrando a plateia ou midiático (em casa, pela televisão).

Como dito, o repertório do programa Sr. Brasil é plural e variado, mas este estudo analisa os causos contados por Boldrin. Para iniciar a nossa discussão nos apropriamos de um causo de Cornélio Pires que Boldrin conta em seus shows e que está presente no livro “Rolando Boldrin: palco Brasil” (ABREU, 2005, p. 50-52):

Um caboclo estava acororado na beira de um ranchinho e passa um carro com uma pessoa da cidade que desce e resolve conversar ou brincar com ele.

- Ô caboclo, nessa terra aqui dá algodão?

- Algodão? Algodão não dá.

- Dá arroz?

- Arroz num dá.

- E feijão?

- Feijão também num dá.

Nessa terra num dá feijão, não.

- E amendoim?

- Amendoim num dá, amendoim é que num dá mesmo.

- Mas o Sr. já plantou pra ver se dá?

- Plantando dá, claro!”.

Quando Boldrin conta este causo a reação é a mesma: o público ri (ABREU, 2005) e se encanta com a perspicácia do brasileiro. Em geral suas histórias são humoradas, mas há momentos em que o público é levado as lágrimas também. Com uma *performance* literária que cultiva jeitos e tipos humanos¹, de caboclos da sua terra, ele preserva a cultura popular brasileira, com sua voz, corpo, espaço e presença. Assim, a questão que norteou esta pesquisa foi: Como se dá a *performance* literária do contador de causos (ou gozador²) Rolando Boldrin?

Este artigo tem como objetivo analisar a *performance* literária do contador de causos Rolando Boldrin no programa Sr. Brasil da TV Cultura de São Paulo. Para tanto, adotamos a

¹ “A lista de tipos é extensa e abrange profissionais liberais, padres, políticos, lendas e até mesmo periquitos e onças. O que dá liga a esse espectro tão variado de tipos é o fato de a história deles se passar no Brasil.” (FERREIRA, 2019, p. 126).

² Para Boldrin o contador de causo é um gozador pois goza das situações cujo desfecho é engraçado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fl2ZignQohs>

pesquisa bibliográfica, documental e oral, considerando que a oralidade está presente nas falas de Boldrin. O período da pesquisa foi o ano de 2020, ela possui abordagem qualitativa e caráter descritivo, em que levantamos e analisamos algumas produções nacionais acerca da temática tratada. Além disso, escolhemos um caso narrador por Rolando Boldrin e tecemos uma breve análise focando sua *performance*. Para essa análise nos apoiamos na teoria de Paul Zumthor quando defende que a *performance* pode provocar no ouvinte, entre os sentimentos de alegria, tristeza, angústia, diversão, mas também identificação. (ZUMTHOR, 2005). Nessa pesquisa evidenciamos a ênfase que o referido contador de caso dá aos diferentes brasis.

O levantamento dessas produções foi realizado no Google Acadêmico, sem delimitação temporal. A razão de se propor este estudo, conforme já mencionado, está na possibilidade de evidenciar na narração de casos, um processo de mediação oral da cultura popular brasileira. Vale salientar, que os casos precisam de mais espaços para sua apropriação, além da televisão ou da plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Assim, para compreender essas relações, discutiremos a seguir aspectos que envolvem a mediação oral da leitura e da literatura, a narração de casos por Boldrin, o uso que ele faz da voz, do corpo, do espaço e da presença seguida das considerações finais.

2 MEDIAÇÃO ORAL DA LITERATURA: EM CENA O NARRADOR E O OUVINTE

Ao contar e ao ouvir uma narrativa, como um caso por exemplo, estamos participando de um processo/momento de mediação oral. O mediador/contador ou leitor-narrador é aquele sujeito que conta, que narra e o leitor-ouvinte é aquele que ouve. Tanto o termo leitor-narrador quanto leitor-ouvinte foram apropriados da área de Letras por Bortolin e Almeida Júnior (2011). Concordamos que seja lendo, narrando ou ouvindo, estes dois “personagens” são leitores ainda que a *performance* literária e a recepção ocorram de modo distinto.

Assim, na mediação oral independente do papel desempenhado, dois “personagens” são essenciais: o leitor-narrador ou mediador e o leitor-ouvinte. No entender de Bortolin e Almeida Júnior (2011) o leitor-narrador é o sujeito que propicia o encontro do leitor ouvinte com textos escritos ou orais utilizando a voz para ler ou contar. Considerando que existe uma diferença entre ler e contar/narrar uma história cuja intensidade da *performance* será menor ou maior. Visto desse modo, o leitor-narrador é um mediador que com sua voz e sensibilidade propicia aos leitores a experiência de ouvir e sentir um determinado texto. Vale salientar que quando está lendo, o narrador é mais fiel e apoia-se no texto escrito. Narrar é diferente, pois o leitor-narrador articula os recursos da oralidade, improvisa, interpreta e cria. E desempenha três papéis:

[...] narra, é o performer sensível ao auditório, já que incorpora a voz da comunidade; ouve, troca experiências com outros narradores e absorve as histórias que lhe contam; e cria, torna-se o responsável por constituir um sentido para o que ouviu, bem como por atualizar isso com significantes e significados diferenciados. (FERNANDES, 2003, p. 34, grifo nosso).

Por sua vez, o leitor-ouvinte é o sujeito “[...] que tem a sua leitura mediada, isto é, que recebe a interferência oral de um mediador para se encontrar com diferentes textos, podendo também ser chamado de leitor que lê com os ouvidos” (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011, p. 797), mas também com os olhos dependendo de como o leitor-narrador fará uso do corpo e do espaço.

Nas palavras de Cavalcante (2015, p. 118) o leitor-narrador ou “[...] mediador empresta sua voz para dar vida ao texto [e] o ouvinte (leitor) oferta a escuta, o que ocorre em ritmos e expressões aguçados pela possibilidade da conquista.” Ressaltamos que o corpo e o espaço são outros elementos que junto com a voz dão vida ao texto e seus personagens. Concordamos com

a autora quando infere que mediar é um ato de conquista. Nesse sentido, o leitor-narrador precisa conquistar o leitor-ouvinte com sua voz, corpo, espaço e presença (conforme discutiremos mais adiante) seja lendo ou narrando um texto. Esses elementos estão entrelaçados, pois “[...] a voz emana do corpo, mas sem o corpo a voz não é nada.” (ZUMTHOR, 2005, p. 89). Além disso, é no espaço que a voz e o corpo se manifestam e se concretiza a presença. Presença que só ocorre quando se estabelece uma relação entre narrador e ouvinte ou entre os ouvintes.

Em complemento a essa reflexão destacamos que a mediação não é apenas e tão somente um momento, configurando-se também como um processo (ALMEIDA JÚNIOR, 2015). Dessa forma, a mediação não pode ser planejada de maneira descompromissada e sem intenção, ou seja, é preciso considerar o modo como o texto será oferecido ao leitor, especialmente a mediação oral, cuja preparação e, posteriormente, a ação influencia a formação do leitor e pode refletir na apropriação seja lendo ou ouvindo.

Cabe lembrar que quando os leitores são pessoas com deficiência é necessária maior atenção, por exemplo, podemos afirmar que os surdos são leitores que se apropriam com os olhos, de modo que é preciso desenvolver estratégias para tais públicos. Deve-se utilizar ainda mais o corpo, especialmente gestos e expressões faciais associada a sinalização da narrativa em Língua de Sinais. Segundo Silva (2022, informação verbal) faz toda diferença na vida da criança surda se durante a contação de história, para além da interpretação (gestos e expressões faciais) e do figurino se a bruxa (personagem) se comunica em Libras.³ Vale assinalar que “[...] O estímulo visual é de fundamental importância para as pessoas com deficiência auditiva/surdez” (HONORA; FRIZANCO, 2008, p. 62) e isso também pode ser explorado.

Para os leitores cegos, a voz do mediador se sobrepõe aos demais elementos e uma alternativa exitosa é pedir para criança manusear um fantoche ou objetos utilizados no momento da *performance*. Reportando-nos aos leitores ouvintes, o leitor-narrador (mediador) ou contador de causa (foco deste estudo) precisa desenvolver diversas habilidades dentre as quais podemos citar: “[...] narrar sem perder o fio narrativo, provocar o interesse dos ouvintes mantendo com eles um diálogo com ou sem intervenções, dar referências para a imaginação do ouvinte.” (BATISTA, 2007, p. [113]).

Concordamos com a autora quando diz que o contador não pode perder o “fio da meada”, ou seja, o leitor precisa “ser envolvido ou conquistado” do início ao fim da narrativa, ao mesmo tempo em que provoca o interesse chamando a atenção para detalhes, gestos, jeitos, instigando o imaginário, fazendo-se compreender de modo envolvente e prazeroso, como Rolando Boldrin que no Programa⁴ emenda um caso após uma canção ou uma fala de seus convidados que o faz lembrar alguma história, e, quando necessário, complementa com explicações.

“Os contadores autênticos de CAUSOS [...] são aqueles indivíduos comuns de uma cidade ou lugar que, de forma natural e criativa, reproduzem algum incidente pilhérico ocorrido com o ‘outro’ [...]” (BOLDRIN, 2012, p. 18, grifo do autor). Cavalcante (2015, p. 120) explica que “[...] o contador de histórias é, acima de tudo, um leitor que compartilha histórias, cuja inserção do seu papel na vida do outro deve resultar em ações efetivas e afetivas de mediação para leituras e releituras.”

³ Reflexões do curso *A Docência e Libras no contexto inclusivo* promovido pelo Núcleo de Acessibilidade (NAC) da Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2022).

⁴ Atualmente o programa Sr. Brasil é exibido na TV Cultura aos domingos às 9 horas da manhã tendo como foco “[...] as manifestações culturais urbanas e regionais de todos os cantos do Brasil, passando pelo samba, o choro, a bossa-nova, os ritmos nordestinos, como o baião, o xote, do centro e norte de Minas Gerais e as manifestações regionais do Sul, Centro-Oeste e Norte do Brasil.” (RIZZO, 2019, p. 265).

Com seus causos, Boldrin partilha narrativas que nos reportam à um Brasil ingênuo, matuto, caipira, repleto de esperteza e inteligência. Somos levados a conhecer e reconhecer nas suas memórias, “caboclos” de sua terra, homens simples do interior em situações inusitadas, cheias de graça e afeto que representam alguma região do país. Boldrin possui “[...] elementos essenciais de um típico contador de histórias, pois além de dominar essa linguagem do universo caipira, usa do conhecimento que acumulou [...] para criar enunciados que incitam a imaginação dos espectadores a construir a imagem dos causos [...] que ele conta.” (GONÇALVES, 2018, p. 94).

Boldrin é ator, mas atualmente ele representa a si mesmo, como diz “[...] só conto histórias, uso muito o improviso e sempre me saio bem. As histórias não mudaram. O brasileiro não muda seu jeito de ser, mesmo com o progresso da tecnologia e os modismos. Conto causos, histórias de 50 anos atrás que até hoje provocam a mesma reação.” (ABREU, 2005, p. 50). Evidenciamos que Boldrin é criativo, sendo imperceptível quando está improvisando, porque tudo ocorre com naturalidade na representação de si mesmo.

De fato, as histórias e o brasileiro não mudam e aí reside um dos aspectos mais fascinantes de seus causos, que são atemporais. Nesse contexto, concordando com Bortolin (2016), pois compreendemos que causos de Boldrin são “remédios para alma”. E isso se justifica pelo fato de que a narração de causos é um dos momentos mais esperados pelo público que canta e se encanta com suas memórias e histórias.

3 BOLDRIN CONTANDO CAUSOS

Caso ou causo? Antes de iniciarmos a discussão sobre a *performance* de Boldrin, precisamos esclarecer e justificar, neste estudo, o emprego da palavra causo (com u) e não caso. Para Boldrin (2012, p. 18) é “[...] perfeitamente correto dizer-se CAUSO, não sendo, portanto, esta palavra, como muita gente pensa, um jeito errado ou ‘caipiresco’ de dizer CASO, com o U no meio (caso sem o U é outra coisa).”

Em nossa concepção o vocábulo causo é correto e apropriado tendo em vista que “[...] se constitui num gênero discursivo específico e, como tal, se distingue da variedade de acepções atribuída ao vocábulo caso [...] quando se diz: ‘conte-me um causo’, o conhecedor do gênero sabe das características da narrativa que vai ouvir [...]” (BATISTA, 2007, p. [100]). Portanto, concordamos com a autora quando explica que o causo se caracteriza como “[...] uma narrativa oral curta, entremeada num diálogo, na qual o contador é personagem, se foi testemunha do ocorrido. [...] O causo é situado no tempo, por marcas como “no tempo do meu avô”, “quando eu era criança” [...]” (BATISTA, 2007, p. [123]).

Em adição ao exposto, Oliveira (2006, p. 04) explica que os “[...] causos se aproximam da comédia, do chiste, da brincadeira, do absurdo, revelando-se quase sempre, hipérbole das hipérboles, posto que como afirmam os próprios contadores, o contador não mente num causo, só exagera um *bucadim...*” Às vezes é possível notar a presença do exagero, mas é exatamente esta característica que denota a criatividade do contador.

Boldrin (2016) explica que gosta sempre de contar causos de tipos brasileiros, lá de sua terra: “[...] e muita gente pensa que é brincadeira minha, invenção, tem muitos tipos e a maior parte dos tipos que eu conto, todos são verídicos, então são verdadeiros, eu convivi com vários deles [...]”. Outro elemento característico dos causos, personagens reais e não criados ou fantasiosos. Fato que alimenta o imaginário do ouvinte.

Em nossa perspectiva, o causo presume a mediação, a interferência leitor-narrador (mediador/contador) e leitor-ouvinte no encontro, na troca e na interação entre eles. (OLIVEIRA, 2006). Consonante a afirmação, Coelho (2019, p. 425) salienta que “Os contadores de causos são escavadores de memórias, pois o ato de contar um causo é um retorno a algo que aconteceu num passado, seja distante ou próximo, que o contador ouviu ou que ele

próprio viveu.” Memórias que se perpetuam por meio da oralidade. Na Figura 1, podemos encontrar características do *causo* segundo a perspectiva de Gedoz e Costa-Hübes (2011, p. 11):

Figura 1. Gênero *causo*: definições e características



Fonte: Elaborado a partir de Gedoz e Costa-Hübes (2011, p. 11).

Em síntese, *causo* é uma pequena história contada geralmente com desfecho engraçado. Boldrin (2012, p. 18, grifo do autor) salienta que “[...] *causo* não é *piada*, mas, como as *piadas*, o *causo* também não tem dono, autoria. Às vezes corre o mundo em diferentes versões.” Antigamente a narração de *causos* acontecia em diferentes ambientes: nas refeições em família ou nos velórios realizados em casas quando “[...] era costume contar *causos* sobre o falecido.” (BATISTA, 2007, p. [118]).

No mesmo sentido, Stocker (2019, p. 27) explica que no Brasil, a raiz da tradição oral encontra-se nas rodas de *causo* organizadas “[...] após o jantar, nos galpões das fazendas, nas varandas cobertas das casas, nos quintais, envolta da fogueira, ou até mesmo nas calçadas. Era ali que o contador de histórias, geralmente um visitante, narrava àquele grupo de ouvintes, um *causo* (acontecido ou imaginário) [...]”.

É possível afirmar que a criação dessas ambiências se perdeu ao longo do tempo, entretanto há de se ressaltar que “A contação de *causos* pode acontecer em qualquer lugar, seja na sala de uma casa, no curral de uma fazenda, na beira de um riacho, em uma roça de milho, etc. Como também a qualquer momento do dia, basta ter uma pessoa que conta *causos* e outra para ouvir.” (COELHO, 2019, p. 414).

Apesar disso, na contemporaneidade nem sempre encontramos momentos e lugares para ouvir ou narrar um *causo*. Nesse contexto é possível destacar a importância do programa Sr. Brasil que com seu valor histórico, cultural e coletivo pode subsidiar diferentes instituições, entre elas as educacionais e culturais.

A mediação ou narração de um *causo* requer o envolvimento do leitor-narrador, mas principalmente do leitor-ouvinte para que este possa vivenciá-la como uma experiência estética. Segundo Lucas (2019, p. 92, grifo nosso) “[...] Isso coloca a contação de *causos* no âmbito da **experiência, e como tal, ela é única, mesmo que seja repetida em outras ocasiões**. Há nisso um componente estético que opera junto com o ato comunicativo [...]”. Na *performance* do contador de *causo*, há interferência pessoal, portanto uma coautoria, que produz um efeito que provoca prazer de ver, ouvir e ler. Os *causos*, por exemplo, “[...] transmitem a forma de pensar e ser de uma cultura, envolvendo formas de falar, de se comportar, tendo tanto uma função estética como uma ética” (COELHO, 2019, p. 413), cultural e histórica com diversas funções e

valor. Quanto a isto, Batista (2007, p. [116]) enfatiza que o causo é “[...] próprio da cultura de pessoas simples⁵, que não têm o domínio da escrita, [e talvez por isso] não seja valorizado, pois não entra com a mesma força de outros gêneros legitimados pela escrita nas relações de poder-saber presentes na sociedade.”

Concordamos com a autora quando diz que comparado com outros gêneros, o causo não tem o devido reconhecimento pela sociedade por sua origem e essência popular. Acreditamos que quando mediadores enaltecem e se apropriam de tais narrativas este preconceito vai, ainda que aos poucos, sendo superado, tal como podemos perceber na atuação de Rolando Boldrin.

Lucas (2019, p. 93, grifo nosso) explica que escutar um causo de Boldrin “[...] é **participar de um reconhecimento de traços que também são nossos, de nossas famílias e de aspectos da nossa cultura que muitas vezes mal conhecemos**, mas dos quais gostamos mesmo assim. E isso independe da região do país.” Nesse sentido, os causos de Boldrin evocam sentimentos e reações de tal modo que nos identificamos com as personagens, com a cultura e as diferentes faces do Brasil.

Assim, é possível afirmar que o programa Sr. Brasil é imprescindível, pois tem o intuito de cultivar a memória e a história de personagens populares (LUCAS, 2019). No Programa há “Histórias de bichos, compadres e mentirosos, de padre, valentão e borra-botas, ‘otoridades’, muquiranas. Ou de um mineiro ou gaúcho, nordestino ou paulista, catarinense ou paranaense. Histórias do rádio, do começo da televisão, do teatro e do cinema, da música ‘purinha, purinha” (ABREU, 2005, p. 5-6).

Como dito, os causos contados por Boldrin são ligados a personagens e situações presenciadas por ele ou oriundas de relatos de conhecidos dele, isso nos leva a crer que tudo de fato aconteceu (LUCAS, 2019). O próprio Boldrin salienta: “Registro coisas incríveis, de criança, tipos humanos com os quais convivi e falo deles até hoje no palco, alguns ainda existem, outros já viajaram fora do combinado [...]” (ABREU, 2005, p. 26). Nesse sentido, o contador de causos é um leitor de personagens e histórias vivas que muitas vezes lida: “[...] com as questões conflituosas ao denunciar as mazelas da população do campo e as exclusões sociais motivadas pelo preconceito contra o linguajar rural, o modo de vida do homem do campo, etc.” (GONÇALVES, 2018, p. 94).

Os causos de Boldrin são contados no início ou durante o programa entre uma prosa e outra. Geralmente Boldrin escolhe o causo conforme a região de origem ou terra natal do convidado, com o intuito de deixá-lo mais à vontade. Se o cantador é de Minas Gerais ele conta um causo de mineiro, se vem da Bahia, ele conta um causo de baiano. Antes da narração ele utiliza expressões para marcar o tempo: “Eu ‘tava’ me lembrando aqui”; “Eu ‘tava’ me lembrando de um causo”; “Me lembrei de um caboclo da minha terra”, entre outras, seguidas de uma breve explicação quando necessário.

São narrativas que ele viu ou ouviu e como defende Bortolin e Almeida Júnior (2011, p. 799) há “[...] pessoas que mesmo não vivenciando determinada situação sabem descrevê-la com naturalidade e riqueza de detalhes apenas por ter ouvido alguém narrar.” Esse é o caso de Rolando Boldrin, “[...] não há grandiloquência, mas um trabalho esmerado de interpretação vocal, pontuada por gestos que expressam **as manias e o jeito de ser** dos personagens. É esse **trabalho corporal que cria a situação extraquotidiana e espetacular** [...]” (FERREIRA, 2019, p. 126, grifo nosso).

A “simplicidade e informalidade” de Boldrin torna sua *performance* ainda mais natural e autêntica, planejada e preparada com intencionalidade, coerência, harmonia o que atrai o ouvinte pelo conjunto: voz, corpo, espaço e presença. Estes elementos concatenados enriquecem o causo, de modo que a “[...] alternância entre gesto e palavra também é um

⁵ Segundo Bortolin e Almeida Júnior (2015, p. 62-63) “A arte produzida pelas classes populares não é considerada exatamente como uma arte. Assim não possui espaços estruturados para ser veiculada e disseminada. E isso vale para todas as expressões artísticas”, inclusive os causos.

dispositivo para fazer o ouvinte engajar-se na história contada.” (LUCAS, 2019, p. 88). Assim sendo, neste estudo analisamos a voz, o corpo, o espaço e a presença que compõem a *performance* literária do “rei dos causos” (CORRÊA; TAIRA, 2017) - Rolando Boldrin.

3.1 A voz, o corpo, o espaço e a presença de Rolando Boldrin

Com o objetivo de descrever a *performance* literária de Boldrin analisamos a forma como ele utiliza a voz, o corpo, o espaço e a presença. Na concepção de Bortolin e Almeida Júnior (2011, p. 802), a voz “[...] transmite literaturas, embeleza e aquece a emoção do narrador e do ouvinte, propicia encontros de ideias, compartilha afetos e quando necessário, silencia preparando a retomada para outros textos.” Na voz de Boldrin encontramos todos estes elementos: texto literário, beleza, sentimento, sensibilidade, de modo natural e afetivo. Em relação à naturalidade, ele mesmo afirma: “[...] o jeito que eu falo no cinema, no teatro é o jeito que eu falo com qualquer pessoa, o mais natural possível, mesmo fazendo o personagem.” (ABREU, 2005, p. 43).

Boldrin tem uma habilidade única e criativa com as palavras que enriquecem ainda mais as histórias instauradas por meio de sua voz. No entender Manila ([200?], p. 05, tradução nossa) “A literatura oral é em primeiro lugar um veículo de emoções imediatas, aberta a uma multiplicidade de matizes que se perfilam no ritmo de uma voz.” Com ritmo e a entonação bem delineados, a voz conta e encanta, brinca, envolve, fazendo com que o leitor-ouvinte viva e reviva memórias, conhecendo personagens do Brasil com muita potência narrativa e potência vocal, tem domínio da palavra e, em alguns momentos, da palavra cantada.

Sua naturalidade e espontaneidade (sem exageros) nos aproximam da narrativa. “A partir de histórias quotidianas, Rolando corporifica tipos e perfis humanos de que já ouvimos falar ou que se relacionam com a mítica popular, ou ainda possuem características que podemos identificar em nós mesmos.” (FERREIRA, 2019, p. 128). Isso facilita nosso encontro com o texto ao produzir a identificação com as personagens, porque Boldrin é o tipo de pessoa que tem encantamento na voz e, portanto, magia quando conta causos e histórias. (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011). Apesar disso, ele admite que não é cantor e sim cantador. Gonçalves (2018, p. 95) salienta que Boldrin “[...] com mais de oito décadas de vida consolidou uma aura de respeito em seus trabalhos, declarando um profundo amor pelo povo brasileiro [...] com sua voz e entonação marcantes, somadas a uma interpretação inigualável [...]”. O fato dos causos se passarem no Brasil “oportuniza a Boldrin interpretar e performar o que ele considera ser o jeito brasileiro de agir diante de determinadas situações.” (FERREIRA, 2019, p. 126).

Quando se conta “[...] um caso, uma história, o contador organiza o material linguístico, dispõe da voz, do conhecimento do mundo narrado, estabelece a ordem dos fatos e escolhe as palavras que parecem mais adequadas para contar a história.” (BARBOSA, 2011, p. 38). Além da voz, ele tem à disposição o corpo para enriquecer o texto que ao ser narrado se materializa.

O amor de Boldrin pelo Brasil e pelos brasileiros reflete-se na personificação de gentes e vozes. Tais elementos mencionados por Gonçalves (2018) influenciam na apropriação da literatura pelo público. Ele tem a habilidade de nos “prender” do início ao fim da narrativa, queremos saborear suas palavras, ouvir seu jeito de falar e ver seu corpo se expressar. Para Hartmann (2011, p. 236) “[...] o corpo é o veículo que dá forma ao que se quer comunicar [...]”. O corpo também fala e com as expressões faciais, por exemplo, é possível exprimir

[...] os **sentimentos** dos personagens, a dor, a tristeza, a alegria, o medo, a raiva... Essas expressões resultam da **apropriação** textual do narrador, apropriação que, quando é feita com intensidade e realismo, **cativa** o leitor-ouvinte. Uma piscada, a abertura exagerada dos olhos ou o fechamento forçado, como se não quisesse abri-los, são manifestações físicas que **têm muito efeito** sobre o leitor-ouvinte. Também o olhar entristecido, marejado de lágrimas, o olhar distante como se estivesse a procura

de algo, o olhar alegre e vibrante como raios de luz, **são marcantes e estreitam a relação** leitor-narrador e leitor-ouvinte. (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011, p. 803, grifo nosso).

Hartmann (2000, p. 120) explica ainda que “Por sua própria forma, o corpo possui uma carga potencialmente expressiva e comunicativa.” Sentado na cadeira de palha ou na famosa namoradeira de madeira com “[...] olhos azuis que lembram bolinhas de gude [e] viajam nas histórias e lembranças” (ABREU, 2005, p. 05), Boldrin transmite as reações e emoções das personagens propiciando efeito e afeto, como podemos observar a seguir nas Figuras 2 e 3, quando ele narra o causo “Mariquinha Teimosa” exibido no programa Sr. Brasil em 12 de setembro de 2015.

Neste causo, ele conta que a Mariquinha era uma cabocla de sua terra que teimava com tudo, por isso o nome Mariquinha teimosa. Certa vez em uma festa junina teimou que queria soltar um rojão. Para dar vida a este causo, Boldrin utiliza-se de gestos e expressões que lembram e interpretam os movimentos para acender fogos de artifícios típicos das festas juninas. É possível notar coesão entre mãos, olhar, gestos e voz reproduzindo o estampido, entre outros. Então é preciso ficar atento, pois num piscar de olhos pode-se perder um gesto ou movimento que corrobora para apropriação.

Figura 2. Detalhe das mãos de Boldrin



Fonte: Programa Sr. Brasil – TV Cultura (YouTube, 2015).

Podemos notar que na *performance* literária de Boldrin, o corpo, e em especial, o olhar e as mãos falam e exprimem as ações e sentimentos das personagens em harmonia com as palavras e isso é imprescindível na apropriação do causo pelos ouvintes. Como se pode notar na Figura 2, a abertura e o posicionamento das mãos tem algo a dizer e enriquecem a experiência do público.

Ao utilizar diferentes estratégias o contador mobiliza “[...] recursos capazes de explicar o inexplicável e descrever o indescritível. Os gestos, as expressões faciais, o olhar em várias direções, o franzir do rosto, os murmúrios, o silêncio são alguns dos muitos recursos de que se vale o contador para dar sentido ao que se conta.” (BARBOSA, 2011, p. 12). Destacamos que uma das estratégias utilizadas por Boldrin é a narração na terceira pessoa, mas em algumas situações ele se coloca no lugar do personagem e assume suas características.

Ainda analisando os movimentos de Boldrin no causo “Mariquinha Teimosa”, identificamos outros gestos que se destacam na composição da história, expressões faciais que estão em consonância com os acontecimentos narrados e as ações e reações de personagens, como podemos notar na Figura 3.

Figura 3. Detalhe das mãos e da expressão facial de Boldrin



Fonte: Programa Sr. Brasil – TV Cultura (YouTube, 2015).

Os gestos e movimentos são importantes porque além de chamar a atenção e despertar sensações, provocam o imaginário do leitor que “viaja” junto com o narrador (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011). Em casa ou na plateia acompanhamos cada movimento de Boldrin que com certa ousadia, brinca e direciona o nosso olhar.

Vale salientar que a “[...] literatura popular designa aquilo que vem do povo e para o povo, se estende no tempo e passa de boca em boca, ou de ouvido a boca, então, ela traduz-se na performance ativa/passiva, vai sendo tecida, e quem a conta vai ajustando ao seu modo de pensar/ver/ouvir” (BARBOSA, 2011, p. 22) e sentir. Ela é do povo, construída com o povo, transmitida de geração em geração, por quem viveu ou ouviu. Quem conta pode acrescentar ou modificar alguns elementos, porque “As narrativas orais [...] se constituem no verbal, no musical e no gestual. Elas revelam um sem-fim de histórias fiadas, tecidas, entrelaçadas no tempo e permanecem até hoje ensinando e encantado.” (BARBOSA, 2011, p. 36).

Com isso, o público de Boldrin se sente inserido, acolhido e à vontade em um espaço tão rico e plural que nos reporta a diversos cantos do Brasil. Além de produzir a sensação e sentimento de identificação, o espaço pode despertar “[...] o desejo de apego ou de desapego, de familiaridade, de segurança e, conseqüentemente uma apropriação espontânea [...] essa apropriação, em geral, ocorre quando o sujeito se identifica com o ambiente, isto é, gosta de permanecer nele um longo tempo” (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011, p. 805) e se sente pertencente/pertencido ao espaço e ao próprio Brasil.

Com o tempo, a concepção do espaço dos programas de TV do Boldrin foi se transformando. No programa Som Brasil, da Rede Globo exibido entre 1981/1983 o cenário lembrava uma “venda” ou mercearia do interior (Figura 4).

Figura 4. Cenário do programa Som Brasil



Fonte: Abreu (2005, p. 124).

A Figura 4 representa o segundo cenário projetado pelo cenógrafo José de Anchieta Costa que se inspirou em um típico empório brasileiro: parede pintada de cal, suporte para colocar chapéus, sacos de mantimentos “[...] à mostra, como se estivessem sendo vendidos à granel. Em cada saco uma madeira com inscrição identifica cada produto: Arroz, milho, fubá mimoso, feijão” (RIZZO, 2019, p. 268). Já se nota aqui uma intencionalidade, isto é, transmitir por meio do cenário um ambiente que representasse o Brasil levando o público a se identificar.

Reportamo-nos ao cenário do Som Brasil para demonstrar a busca pela identidade brasileira no palco do Sr. Brasil, lembrando que a composição do espaço também interfere na apropriação dos ouvintes. Assim, como o propósito do Programa Sr. Brasil que está no ar desde 5 de julho de 2005 pela TV Cultura é enaltecer a cultura popular brasileira, atualmente o cenário (incluindo a vinheta de abertura⁶ até meados de 2022) é composto de objetos que podem ser visto nas Figuras de número 08 até 15.

O projeto é concebido pela produtora e cenógrafa Patrícia Maia Boldrin em parceria com o próprio Boldrin (CORRÊA; TAIRA, 2017), que buscou apropriar-se do artesanato brasileiro com o intuito de imprimir ainda mais brasilidade ao espaço. Ao valorizar elementos da cultura popular, a composição do cenário do Sr. Brasil enaltece o trabalho dos artesãos e isso tem um efeito sobre o público.

Um lugar prazeroso, agradável, belo e convidativo: a cara do Brasil e ao vê-lo temos a sensação de estar lá e permanecer nele. É como se estivéssemos dentro de uma casa do interior, num lugar aconchegante, numa janela “à espreita” de uma boa prosa. A Figura 5 apresenta esses elementos do espaço do programa Sr. Brasil instalado no palco do teatro Sesc Pompéia (São Paulo).

⁶ Em 2022 o programa Sr. Brasil apresentou uma nova vinheta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JC7rJrHVsjE>

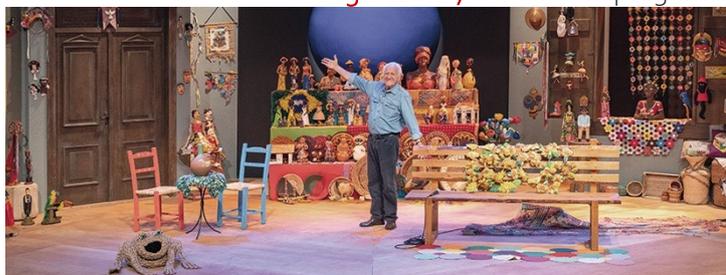
Figura 5. Cenário do programa Sr. Brasil



Fonte: Artesanato Sustentável (Facebook, 2018).

Na Figura 5 podemos observar nas paredes imagens de compositores, poetas populares de cordéis, repentes, músicos, entre outros. Vale destacar que os objetos cênicos não são fixos sendo alterados conforme a “proposta” de cada programa, ou seja, possuem uma ligação com os convidados e os causos. Isso porque “As obras que compõem o ambiente são selecionadas de acordo com a localidade dos convidados, com o gênero das canções a serem executadas ou até mesmo com os causos ou poemas que Rolando vai declamar” (GONÇALVES, 2018, p. 87) (Figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7. Cenário do programa Sr. Brasil



Fonte: Programa Sr. Brasil – TV Cultura (Facebook, 2019⁷).



Fonte: OBVIUS ([2020]).

Podemos notar que o programa é repleto de cores que lhes dão vida com elementos tipicamente brasileiros como a namoradeira (escultura popular) na janela, uma rede (Figura 7) entre outros que nos fazem ter orgulho de nossa própria arte. Concordamos com Leal⁸ (2016, informação verbal) quando diz que o cenário é um “[...] mosaico interpretativo do Brasil.”

Gonçalves (2018, p. 85, grifo nosso) esclarece que a utilização de objetos coloridos “[...] constituiu um forte instrumento imagético para [...] inspirar nos brasileiros, sejam eles integrantes da plateia ou telespectadores [...] sentimentos de **contemplação e pertencimento** ao amplo universo criativo desse povo.”

Uma apropriação da arte brasileira que desperta também o sentimento de respeito e valorização, realizada com responsabilidade, pois este é o primeiro cenário do mundo a receber o certificado FSC®. “O selo foi dado pela *Forest Stewardship Council* (FSC), conselho de

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/srbrasil.tvcultura/photos/a.735272886888577/804367159979149>

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cOqout5OVJs>

manejo florestal, uma organização internacional sem fins lucrativos criada para proteger as florestas do mundo, evitando a exploração predatória.” (CORRÊA; TAIRA, 2017, p. 202).

Corrêa e Taira (2017, p. 201) ressaltam que “De vez em quando, Boldrin fala das peças expostas no cenário, mais um item cultural dentro do enfoque do programa de valorizar [...] e prestigiar o artista e a arte brasileira, repleta de significados (Figura 8).

Figura 8. Peças e esculturas populares do programa Sr. Brasil



Fonte: ARTESANATO SUSTENTÁVEL (2013a).

Dentre as categorias de peças, podemos destacar: **artesanato variado** (bonecas de palha de milho, cabaça, papel *machê*, pássaros de papelão); **brinquedos** (pipa de tampinhas de garrafa e arame, saci de retalhos de tecidos); **cerâmica** (bonecas, namoradeira, santos e santas, escultura do poeta popular Patativa do Assaré); **entalhe em madeira** (divino Espírito Santo, São Francisco de Assis); **instrumentos musicais** (agbê feito com cabaça e miçangas, kalimbas produzido com cabaça e metal, berimbau cuja madeira utilizada é certificada); **rendas e bordados** (almofadas, toalhas); **tecelagem** (tapete com retalhos de tecidos, rede); **trabalho manual** (estandarte sagrado, mapa do Brasil em tecidos, cortina de lacre de refrigerante); **trançado e cestaria** (cestos, vasos) (ARTESANATO SUSTENTÁVEL, [201?], grifo nosso) entre outros.

Como dito, o artesanato também estava presente na vinheta de abertura do programa Sr. Brasil, onde é possível notar as esculturas do poeta Patativa do Assaré e de São Francisco de Assis. Aliadas ao cateretê *Vide vida marvada* composto pelo próprio Boldrin que nos remetem à brasilidade como é possível notar na Figura 9. Assim tanto a música quanto a vinheta são componentes culturais do programa.

Figura 9. Vinheta de abertura do Programa Sr. Brasil (2015)



Fonte: Sr. Brasil – TV Cultura (2015).

Atualmente o programa Sr. Brasil possui uma nova vinheta, mais voltada aos aspectos rurais do Brasil. As Figuras 10 e 11 a seguir ilustram e detalham outras peças do cenário.

Figura 10. Peças do programa Sr. Brasil



Fonte: ARTESANATO SUSTENTÁVEL (2013b).

Figura 11. Cenário do programa Sr. Brasil



Fonte: Sr. Brasil – TV Cultura (YouTube, 2019)⁹.

Apropriando-nos da concepção de Gonçalves (2018) entendemos que de fato existe uma conexão entre o cenário e o propósito do programa Sr. Brasil. Tal conexão intencional e compromissada com a realidade cumpre o seu papel levando-nos a conhecer, valorizar e contemplar a arte e os artistas brasileiros. Nesse sentido “A ligação do cenário com o conteúdo do programa é nítida, pois as obras expostas “conversam” com a musicalidade dos artistas que se apresentam ao lado de Rolando” (GONÇALVES, 2018, p. 87) e dos causos contados.

Concordamos com Rizzo (2019, p. 269) quando diz que “[...] o cenário do programa está moderno, despojado e mais focado na produção cultural regional brasileira com sua arte e artesanato em vez de um estilo de vida interiorano” presente no *Som Brasil*. E isso impacta tanto na recepção quanto na apropriação do público. Em síntese, destacamos entre os elementos culturais do programa Sr. Brasil: a vinheta de abertura, a trilha sonora, o cenário e o artesanato, os causos, as músicas, os convidados, os instrumentos musicais, os ritmos e o próprio Boldrin.

Em se tratando da *performance*, outro aspecto imprescindível é a presença. Segundo Bortolin e Almeida Júnior (2011, p. 807), a presença é “[...] a materialização ou a concretização do corpo e da fala que somados ao espaço e a literatura propiciam a performance [...] que é resultado da relação do leitor-narrador com leitor-ouvinte e também dos leitores-ouvintes entre si.”

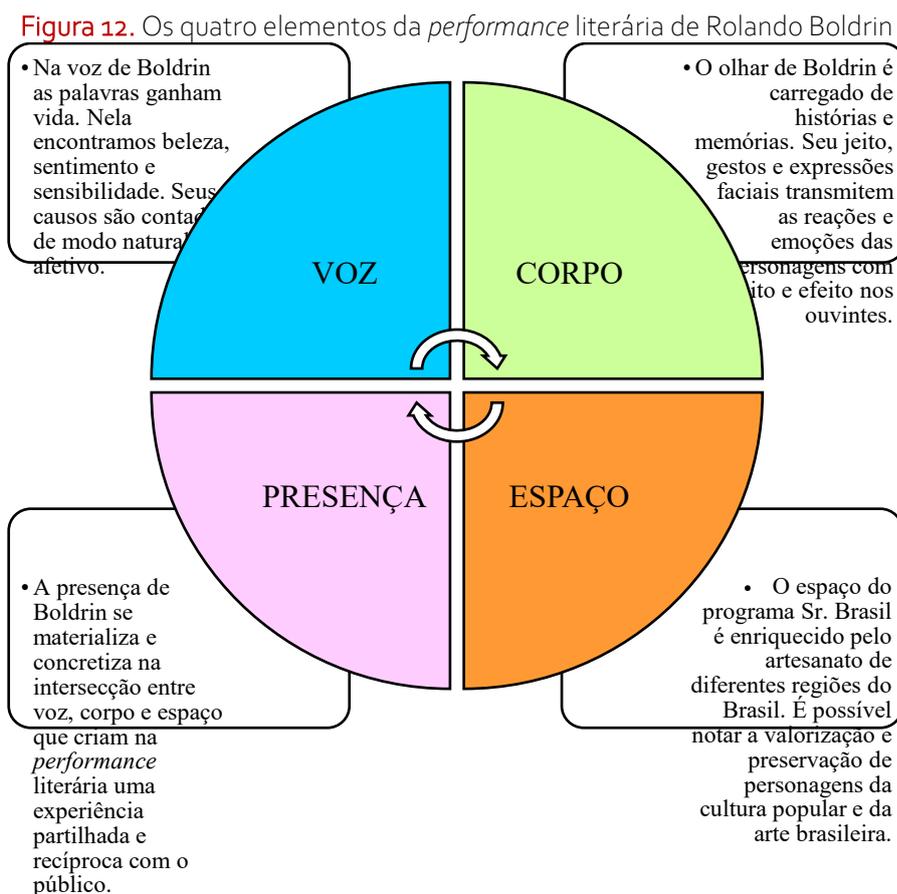
Na presença, o conjunto voz, corpo e espaço se materializam e se concretizam de tal modo que se cria uma relação leitor-narrador e leitor-ouvinte que constituem a *performance* que não envolveria “[...] necessariamente uma manifestação pública, espetacular, mas uma ‘maneira de se comportar corporalmente’ por meio da qual indivíduos e grupos se identificam” (HARTMANN, 2011, p. 209-210). Além disso, a autora diz que existe *performance* que traz

[...] a possibilidade de brincar, jogar, não apenas com as regras sociais, mas com as palavras, com os significados, com o próprio corpo e com o contato com o outro,

⁹ Barnabé no Programa Sr. Brasil (31/03/2019).

proporcionando, além da transmissão de códigos de comportamentos culturais, entretenimento e prazer a todos os seus participantes. (HARTMANN, 2005, p. 140).

Na *performance* literária de Boldrin encontramos uma “[...] experiência partilhada, na qual os nossos sentidos se banqueteam e nosso estado de ânimo cria o ambiente no qual sentimos prazer em reconhecer uma parcela de nós e de nossas reações nos outros que fazem parte do evento” (LUCAS, 2019, p. 94). Em suma, a “[...] *performance* compreende os usos que o narrador faz de seu corpo [...]” (HARTMANN, 2000, p. 118), voz, espaço e presença. A Figura 12 sintetiza os quatro elementos da *performance* literária de Rolando Boldrin, isto é, sua voz, corpo, espaço e presença.



Fonte: Elaborado a partir de Abreu (2005), Bortolin e Almeida Júnior (2011), Lucas (2019) e Rizzo (2019).

Acreditamos que a *performance* literária de Boldrin é permeada por estes quatro elementos e isso encanta seus ouvintes tornando a experiência de ouvir seus causos rica e singular. Como destaca Cavalcante (2015, p. 121) “O texto narrado pelo contador tem muito de táticas e criatividade, onde o gesto permeia a narrativa e faz unir voz, olhar, corpo e texto na sedução do leitor, numa ação de intencionalidade e reciprocidade que transmite e transforma.” Fazendo uso de diferentes recursos e de modo criativo e único, Boldrin une voz, corpo, espaço e presença para transmitir e preservar memórias e gentes brasileiras seja por meio de dispositivos de mediação como a televisão ou da plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*.

Nesta perspectiva a *performance* literária de Boldrin encarna “[...] a cultura popular brasileira e reage à truculência e à sabotagem a qual essa cultura está constantemente submetida” (LUCAS, 2019, p. 89), oprimida e desvalorizada. Hartmann (2011, p. 236) pontua que “[...] todo ato de *performance* é reflexivo, cria uma experiência ao mesmo tempo que reflete sobre ela.” Portanto, concordando com a reflexão de Lucas (2019) e Hartmann (2011)

compreendemos que a *performance* literária de Boldrin é necessária e imprescindível visto que ao resistir e defender a cultura popular brasileira cumpre o seu papel social, de modo provocador, inquietante e sensível. Neste contexto é possível afirmar que os causos constituem uma forma do Brasil conhecer e valorizar a si mesmo, portanto: Viva Rolando Boldrin! Viva os causos! Viva a cultura popular brasileira!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos pais e avós acompanham Rolando Boldrin desde a época do programa Som Brasil nas manhãs de domingo. Foi com esta referência que conhecemos o Sr. Brasil preservando o “costume” de ouvir música brasileira. Hoje somos convidados a assisti-lo chamando-nos com um “olha lá o Boldrin”, “escuta que ele vai contar uma história” e atentos acompanhamos a *performance* deste contador de causos que sabe nos tocar com sua voz. Associada ao corpo, ao espaço e a presença esta voz expressa uma diversidade de narrativas e personagens que nos fazem sentir como se estivéssemos em algum canto do Brasil.

Boldrin é daqueles contadores que brincam com as palavras, direcionam nosso olhar com jeitos e gestos típicos de caboclos, que preservam a memória e cultura popular brasileira. Seu programa é um dos poucos ou talvez o único com propósito de nos apresentar o Brasil como ele é. Nesse aspecto, lamentavelmente são poucas as iniciativas de contar e narrar causos em outros espaços culturais. Sem reconhecimento e devida apropriação, estas narrativas correm o risco de se perder dada a falta de momentos que oportunizem esta experiência, além de pesquisas na Ciência da Informação, por exemplo, que possam e valorizar os contadores de causos.

Os mediadores precisam se apropriar mais dos causos, contos e lendas fazendo com que o leitor iniciante (neste caso a criança e o adolescente) tenha a oportunidade de ouvi-los de modo que a experiência seja rica e singular, como na *performance* de Boldrin. Sabemos que sua formação como ator favorece o ato performático, entretanto há exímios contadores entre nós, em nossas famílias com muitos causos para partilhar. Nesse sentido, concordamos com Plínio Marcos ([199?] *apud* CARVESAN, 2003) quando diz que “Um povo que não ama e não preserva suas formas de expressão mais autênticas jamais será um povo livre”.

Por fim, inferimos que a narração de causos se configura como mediação oral da literatura, isto é, um encontro único com o texto que se dá num processo mútuo entre a força da palavra, na fala e na escuta, sendo, portanto necessária e urgente na apropriação da cultura popular brasileira.

REFERÊNCIAS

ABREU, I. de. **Rolando Boldrin**: palco Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005. 176 p. (Coleção aplauso/ Série perfil / coordenador geral Rubens Ewald Filho). *E-book*. Disponível em: <https://bit.ly/3E2GddB>. Acesso em: 05 out. 2022. ISBN 85-7060-233-2.

ALAÍDE COSTA E GONZAGA LEAL no programa Sr. Brasil (11/12/2016). [São Paulo: s. n.]. 2016, 1 vídeo (33 min.). Publicado pelo canal Sr. Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cQq0ut5QVJs>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278 p. p. 09-32. ISBN 978-85-98291-08-6.

ARTESANATO SUSTENTÁVEL. Peças. Artesanato variado. [201?]. Disponível em: <https://bit.ly/3fHJLss>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ARTESANATO SUSTENTÁVEL. Cenário17002. 2013b. Disponível em: <http://artesanatosustentavel.com.br/2013/07/sr-brasil-e-o-artesanato/cenario17002/>. Acesso em: 05 out. 2022.

ARTESANATO SUSTENTÁVEL. Cenário17004. 2013a. Disponível em: <http://artesanatosustentavel.com.br/2013/07/sr-brasil-e-o-artesanato/cenario17004/>. Acesso em: 05 out. 2022.

ARTESANATO SUSTENTÁVEL. São Paulo, 16 mar. 2018. Facebook: Artesanato Sustentável. Disponível em: <https://bit.ly/3t4i004>. Acesso em: 05 out. 2022.

BARBOSA, J. O. F. **Narrativas orais: performance e memória**. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3zQ91TY>. Acesso em: 28 out. 2022.

BARNABÉ no programa Sr. Brasil (31/03/2019). [São Paulo: s. n.]. 2019, 1 vídeo (19 min.). Publicado pelo canal Sr. Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Gt7KdB_5mpg. Acesso em: 05 out. 2022.

BATISTA, G. A. **Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular**. 2007. 216 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3TbjjFl>. Acesso em: 05 out. 2022.

BOLDRIN, R. **História de contar o Brasil: um carroção de causos de Rolando Boldrin**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012. 187 p. ISBN 978-85-7492-356-7.

BORTOLIN, S. Livro-mãe. **INFOhome**, dez. 2016. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1026. Acesso em: 05 out. 2022.

BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. A mediação oral da literatura, o bibliotecário: voz, corpo, espaço e presença. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB)*, 12., 2011, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: UnB, 2011. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/179412>. Acesso em: 05 mar. 2022.

BORTOLIN, S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Fontes orais, Paul Otlet e os bibliotecários. *In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo; SILVA, Rovilson José. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura***. Londrina: ABECIN, 2015. 278 p. p. 59-88. ISBN 978-85-98291-08-6.

CORRÊA, W.; TAIRA, R. **A história de Rolando Boldrin: Sr. Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017. 224 p. ISBN 978-85-520-0010-5.

CARVESAN, L. Internet escancara a vida e a obra de Plínio Marcos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, nov. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3hhYPNN>. Acesso em: 05 out. 2022.

CAUSO "Mariquinha Teimosa" por Rolando Boldrin - Sr. Brasil - 12/07/15. [São Paulo: s. n.], 2016. 1 vídeo (1:54 min). Publicado pelo canal Sr. Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3TpUKoh>. Acesso em: 05 out. 2022.

CAVALCANTE, L. E. Mediação e narrativa na voz dos contadores de histórias. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278 p. p. 107-125. ISBN 978-85-98291-08-6.

COELHO, T. H. F. Entre causos e cenas: o uso de narrativas orais na construção de dramaturgias. **ouvirOUver**, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 410-422, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/48569>. Acesso em: 11 mar. 2021.

FERNANDES, F. A. G. **A voz em performance**: uma abordagem sincrônica de narrativas e versos da cultura oral pantaneira. 2003. 376 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3DELNBC>. Acesso em: 29 out. 2022.

FERREIRA, P. I. L. **As práticas espetaculares de Rolando Boldrin**: uma abordagem etnocenológica do processo de formação profissional de um artista brasileiro. 2019. 264 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/203223>. Acesso em: 05 out. 2022.

GEDOZ, S.; COSTA-HÜBES, T. da C. O gênero discursivo causo: reflexões sobre sua caracterização a partir da teoria bakhtiniana. **Travessias**, Cascavel, v. 5, n. 1, jun. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/3WDUKU8>. Acesso em: 05 out. 2022.

GONÇALVES, D. P. **Rolando Boldrin e o Programa Sr. Brasil**: história de amar um país. 2018. 105 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/1026953>. Acesso em: 05 out. 2022.

HARTMANN, L. **Gesto, palavra e memória**: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. 310 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/187615>. Acesso em: 05 out. 2022.

HARTMANN, L. **Oralidades, corpo, memórias**: performances de contadores e contadoras de causos da campanha do Rio Grande do Sul. 2000. 190 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/79335>. Acesso em: 05 out. 2022.

HARTMANN, L. Performance e experiência nas narrativas orais da fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 125-153, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/SXsc4xpGDrGJsJQPxVbqtDm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2022.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Esclarecendo as deficiências:** aspectos teóricos e práticos para contribuir com uma sociedade inclusiva. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. 192 p.

LUCAS, P. I. Arquivo e repertório na performance de Rolando Boldrin. **Revista Aspás**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 78-90, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/aspas/article/view/154629/155358>. Acesso em: 05 out. 2022.

MANILA, G. J. Literatura oral y ecología de lo imaginário. **ABZ da leitura:** Orientações teóricas. [S.l.], p. 01-14, [200?]. Disponível em: http://www.casdaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_conf_manila_a_C.pdf. Acesso em: 28 out. 2022.

OLIVEIRA, I. R. de. **Gênero causo:** narratividade e poesia. 2006. 136 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/14393/1/TESE%20Inacio%20Rodrigues%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 05 out. 2022.

OS CAUSOS de Rolando Boldrin. [São Paulo: s. n.], 2016. 1 vídeo (7 min.). Publicado pelo canal Sr. Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fl2Zi3nQohs>. Acesso em: 05 out. 2022.

RIZZO, C. E. M. Sr. Brasil e o lugar da música popular na televisão brasileira. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. esp., p. 256-273, set. 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/extraprensa/article/view/153993/157000>. Acesso em: 11 mar. 2021.

ROLANDO Boldrin, um senhor apresentador do Brasil. 2015. Disponível em: http://obviousmag.org/ministerio_das_letras/2015/10/rolando-boldrin-o-senhor-do-brasil.html. Acesso em: 05 out. 2022.

SR. BRASIL – TV Cultura. São Paulo, 04 out. 2019. Facebook: Sr. Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/srbrasil.tvcultura/photos/a.735272886888577/804367159979149>. Acesso em: 05 out. 2022.

STOCKER, C. T. **A arte de contar histórias como ferramenta na formação de leitores na Biblioteca Pública Infantil de Sergipe:** projetos implantados de 2007 a 2018. 2019. 113 f. Dissertação (Mestrado profissional em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12343/2/CLAUDIA_TERESINHA_STOCKER.pdf. Acesso em: 05 out. 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL). Núcleo de Acessibilidade. **A docência e a Libras no contexto inclusivo.** 2022. Curso ministrado pela profa. Silvana Araújo Silva.

VINHETA de Abertura | Senhor Brasil | Tv Cultura | 2015. [S. l.: s. n.]. 2019, 1 vídeo (0:46 min.). Publicado pelo canal Sr. Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JC7rJrHVsjE>. Acesso em: 05 out. 2022.

ZUMTHOR, P. **Escritura e nomadismo**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2005.